

Sarney parte para mudanças radicais

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O presidente José Sarney já traçou o roteiro que se seguirá à aprovação do presidencialismo e dos cinco anos de mandato. Talvez nem espere a promulgação da nova Constituição para passar o apagador no quadro-negro. Mudará o Ministério, adotará medidas de sacrifício na economia, iniciará a formação de um novo partido político e tentará influir decisivamente nas eleições para a sua sucessão. Já tem até candidato ou, pelo menos, inclina-se na direção de Antônio Ermírio de Moraes.

A disposição do presidente, ontem, era de não perder tempo, uma vez assegurado o sistema presidencialista e votados os cinco anos para os seus sucessores, um passo adiante para garantir igual período para ele, quando as Disposições Transitórias forem apreciadas, daqui a um mês ou pouco mais.

A expectativa é de uma sensível alteração no ministério. Lugar garantido, mesmo, têm os ministros militares, os ministros palacianos (Gabinete Civil, Gabinete Militar e SNI), os ministros do Planejamento e da Fazenda, recém-nomeados, e os ministros que mais de perto tiveram contribuído para a vitória dos cinco anos e do presidencialismo. Estarão desfeitos os critérios de representação partidária, deixando de existir os ministros do PMDB e os ministros do PFL. Os que continuarem, mesmo filiados a esses partidos, continuarão por outros motivos. Fica constringedor especular sobre os que poderão deixar de ser ministros, mas não se enganará quem for buscá-los nas proximidades do deputado Ulysses Guimarães. Também é prematuro imaginar quem poderá tornar-se ministro, ainda que Thales Ramalho pareça um nome evidente. A anotar está, por enquanto, a intenção de uma reforma ampla, ainda que nem geral nem irrestrita.

Das medidas de sacrifício na economia, temos falado há dias. Decidido a não mais se candidatar a cargos eletivos, preocupado com sua imagem histórica, com as oportunidades perdidas até agora e com a grande crise que certamente advirá da inação, Sarney parece disposto, agora, a cruzar o rubicão. Mudará a política de correção salarial dos funcionários públicos e dos assalariados em geral, comprimindo os reajustes na esperança de obter drástica redução inflacionária. Talvez avance um congelamento parcial de preços. Extinguirá estatais deficitárias e cortará fundo nos gastos públicos. Em contrapartida, acabará com a festa do over, impondo juros negativos nas aplicações de curto prazo. Reduzirá incentivos e subsídios, até mesmo nos juros. Poderá aumentar a carga fiscal. Essas iniciativas facilitarão as negociações sobre a dívida externa. Com elas, o presidente imagina carrear dinheiro novo do Exterior, capaz de financiar a retomada do desenvolvimento.

A formação de novo partido político nascido de um bloco parlamentar governista tornou-se outro objetivo de Sarney. Thales Rama-

lho funcionará como peão, nessas articulações, devendo o PMDB transformar-se na grande vítima. Na prática, esse bloco já existe. E o Centraão, não obstante defecções e acomodações, ao qual se acrescentará uma estrutura formal, com a adesão de quase todo o PFL e dos setores moderados do PMDB, sem falar do PDS.

A nova montagem administrativa, econômica e partidária terá, conforme os planos do presidente, uma resultante necessária: a sua sucessão. Em conversas reservadas, ele não esconde o receio de que a realização de eleições este ano conduza Leonel Brizola ao Palácio do Planalto. E o País, à crise. Acontecendo no ano que vem, no entanto, e sob a égide de ampla reformulação nos partidos, as eleições abrirão chance para um candidato capaz de bater o ex-governador fluminense e, ao mesmo tempo, isolar o que tiver restado do PMDB. Leta-se, Antônio Ermírio de Moraes, que poderia contar com o seu apoio.

Até aqui, revela-se a estratégia do presidente da República, eufórico diante da preservação do presidencialismo e certo de que a Assembleia Nacional Constituinte não lhe reduzirá o mandato, se para os seus sucessores tiver fixado cinco anos. Restará uma batalha, ainda a esse respeito, quando da votação das Disposições Transitórias, mas as vitórias anteriores terão, salvo engano, determinado a tendência em seu favor.

Seria bom que o presidente lembrasse aquela célebre conversa de Vicente Feola com os jogadores do selecionado nacional, em 1958, na Suécia, na véspera do jogo com a União Soviética. Porque o saudosos técnico passou 40 minutos traçando o esquema tático, com ordens específicas para Garrincha. Quando recebesse a bola, o ponta-direita deveria driblar dois russos, ganhar a linha de fundo, fingir recuar, mas, na hora em que o terceiro russo se aproximasse dele, centrar rasteiro para a área, onde Vavá se encarregaria de fazer os gols. Depois de ouvir os detalhes do esquema, Garrincha indagou candidamente: "Seu Feola, o senhor já combinou tudo isso com os russos? Eles aceitaram?".

Guardadas as proporções, é a mesma coisa. Será que Sarney combinou com o PMDB a sua própria dissolução? Acertou com a economia como ela se comportará diante de medidas nitidamente recessivas? Obteve dos assalariados a concordância pacífica com as reduções da correção salarial? Recebeu dos credores assentimento para o envio de dinheiro novo?

O clima era de euforia, ontem, no governo, apesar de obstáculos que a Assembleia Nacional Constituinte ainda poderá erigir diante dos sonhos do presidente. A começar pela votação específica do seu tempo de mandato. Quanto a saber se os planos darão certo, fica para depois. O selecionado brasileiro de futebol tinha o Garrincha, que acabou fazendo tudo o que Feola mandou, mesmo sem ter combinado antes com os russos. E o governo, que craques tem?

(C.C.)